Artigo Científico

Revista sítio novo
Instituto Federal do Tocantins

A formação da opinião política no ensino médio do Instituto Federal de Brasília

https://doi.org/10.47236/2594-7036.2026.v10.2056

Jonas de Oliveira Bertucci[1]
Maryana Rodrigues da Conceição[2]

Data de submissão concluída: 9/3/2026. Data de aprovação: 12/5/2026. Data de publicação: 27/5/2026.

Resumo – A construção da identidade do jovem se dá por experiências vividas e compartilhadas entre jovens na comunidade escolar e com os outros membros da sociedade no contexto global. A partir dessa compreensão, neste estudo, analisamos o processo de construção da identidade política de estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do Instituto Federal de Brasília (IFB), Campus São Sebastião, por meio de um estudo exploratório sobre sua opinião política. Para isso, observamos e mensuramos mudanças no posicionamento político ao longo dos três anos de curso, investigando sua compreensão sobre política e identificando influências curriculares e extracurriculares nesse processo. A metodologia inclui a aplicação e análise, entre 2018 e 2023, de questionários com questões em escala, de modo a mensurar mudanças de opinião, estratégia complementada por uma abordagem com grupos focais. Os resultados indicam uma possível tendência de mudança de opinião dos jovens para posicionamentos mais à esquerda ao longo dos anos, com divergências consistentes de gênero, corroborando resultados de estudos internacionais.
Palavras-chave: Formação política. Identidade. Juventude.

The formation of political identity among high school students at the Federal Institute of Brasília

Abstract – The construction of identity occurs through lived and shared experiences among young people in school community and between them and other members of society in a global context. From this understanding, this study analyzes the process of political identity formation among students enrolled in the integrated technical high school programs at the Federal Institute of Brasília (IFB), São Sebastião Campus, through an exploratory study of their political opinion. To this end, we observed and measured changes in their political opinion over the three years of the course, investigating their understanding of politics and identifying curricular and extracurricular influences in this process. The methodology includes the application and analysis of questionnaires with a rating scale to measure opinions, conducted between 2018 and 2023, complemented by a focus group approach. The results indicate a possible trend of young people shifting toward more left-wing positions over the years, with consistent differences related to gender, corroborating findings from international studies.
Keywords: Political formation. Identity. Youth.

[1] Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília. Professor de Sociologia do *Campus* São Sebastião, do Instituto Federal de Brasília. Brasília, Distrito Federal, Brasil. jonas.bertucci@ifb.edu.br https://orcid.org/0000-0002-7250-3980 http://lattes.cnpq.br/0580793909196813.
[2] Graduada em Pedagogia pelo Instituto Federal de Brasília. Professora do Ensino Fundamental da Comunidade de Aprendizagem do Paranoá, da Rede de Ensino do Distrito Federal. Brasília, Distrito Federal, Brasil. maryana.rc4@gmail.com https://orcid.org/0000-0002-2503-2530 https://lattes.cnpq.br/9397005282620096.

Revista sítio novo
Instituto Federal do Tocantins

La formación de la opinión política en la educación media del Instituto Federal de Brasília

Resumen – La construcción de la identidad se produce a través de experiencias vividas y compartidas entre los jóvenes en la comunidad escolar y con los demás miembros de la sociedad en el contexto global. A partir de esta comprensión, este estudio analiza el proceso de construcción de la identidad política de los estudiantes de los cursos técnicos integrados a la enseñanza secundaria del Instituto Federal de Brasília (IFB), Campus São Sebastião, mediante un estudio exploratorio sobre su opinión política. Para ello, observamos y medimos cambios en su opinión política a lo largo de los tres años del curso, investigando su comprensión sobre la política e identificando influencias curriculares y extracurriculares en este proceso. La metodología incluye la aplicación y análisis, entre 2018 y 2023, de cuestionarios con preguntas de escala como forma de medir opinión, complementada por un enfoque con grupos focales. Los resultados indican una posible tendencia de cambio de opinión de los jóvenes hacia posicionamientos más de izquierda a lo largo de los años, con divergencias claras entre género, corroborando resultados de estudios internacionales.
Palabras clave: Formación política. Identidad. Juventud.

Introdução

O campo da identidade tem sido objeto de estudo da Psicologia Educacional e Social, da Sociologia, da Antropologia e da Filosofia, dada sua relevância para a compreensão do ser enquanto sujeito. Autores como Ciampa (1987,1994), Erikson (1976), Hall (2001), Brzezinski (2002) entre outros, abordam esse processo, que se inicia na infância e perdura ao longo de toda vida adulta. Para se compreender alguns fenômenos da construção da identidade de um indivíduo é preciso ter em conta uma série de fatores biológicos, sociais, cognitivos, comportamentais e culturais. Como afirma Erikson:

> Construir uma identidade, implica em definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida. (...) identidade é uma concepção bem organizada do ego, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido (Erikson, 1976, p. 107).

A concepção de identidade, segundo o dicionário, é definida como “os caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo etc.” (Aurélio, 2001 p.371). No entanto, ao ampliar o escopo da compreensão, a identidade de alguém vai além de uma mera carteira de identificação. Nesta perspectiva, do ponto de vista psicossocial, conforme Ciampa (1987) define, a identidade integra aspectos constitutivos intrínsecos ao sujeito:

> Dizer que a identidade de uma pessoa é um fenômeno social e não natural é aceitável pela grande maioria dos cientistas sociais [...] Não podemos isolar de um lado todo um conjunto de elementos biológicos, psicológicos, sociais, etc. que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado a representação desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade. Isso porque há uma interpenetração

> desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação [...] (Ciampa, 1987, p. 64-65).

Portanto, a estrutura fundamental da identidade é tecida a partir dos ambientes culturais nos quais o sujeito está inserido, ou seja, por instituições sociais como a família, a escola, a religião, a mídia etc. No contexto educacional, essa formação se dá por meio das experiências vividas e compartilhadas entre os jovens e entre estes e os outros membros da comunidade escolar.

Embora a questão ultrapasse os muros da escola, este é um espaço social propício para a reflexão crítica sobre sua realidade social e política, já que, nesse período, o estudante está exposto à discussão de ideias e opiniões muitas vezes divergentes e à possibilidade de participação direta ou indireta na vida escolar e comunitária. Isso se dá de forma ainda mais evidente nos Institutos Federais, onde os estudantes, em cursos de tempo integral, participam de atividades extracurriculares diversas, eventos e projetos de pesquisa e extensão.

Souza (2025), por exemplo, analisa como as atividades artísticas visuais no Campus Barreiros, do Instituto Federal de São Paulo, contribuem para a promoção da identidade e do pertencimento na educação profissional e tecnológica (EPT). Estas são geralmente atividades extracurriculares mais comuns em instituições como os IFs. O conjunto dessas experiências contribui significativamente para o amadurecimento da identidade do alunado e de sua percepção sobre as diferentes formas de expressão e de visão de mundo, assim como sobre as “lutas pela emancipação de diferentes grupos sociais, que em sua ação coletiva revelam velhas ou novas opressões”, como afirma Ciampa (2002)

O próprio ambiente físico da escola influencia não apenas na saúde da comunidade escolar como também na forma como se constroem relações sociais e vínculos entre os indivíduos. Nessa linha, a partir da perspectiva de professores, Furlani e Cardoso (2022) investigam tais relações a partir da análise de aspectos como conforto ambiental, usabilidade e necessidades pedagógicas. O estudo indica que a realização de um projeto arquitetônico padronizado, implementado sem participação, pode afetar negativamente a comunidade no que diz respeito aos seus anseios psicológicos e à formação da identidade.

Outro aspecto essencial na discussão da formação da identidade dos estudantes é a base curricular. Não é à toa que o currículo esteja constantemente em disputa, já que diferentes setores, muitas vezes com visões divergentes, buscam caminhos diferentes para a educação diante das transformações tecnológicas e sociais contemporâneas (como a forma de inclusão gradual de temas como o pensamento computacional, por exemplo)[3].

É importante registrar que investigar o processo social de construção da identidade de estudantes requer necessariamente uma reflexão sobre o próprio conceito de juventude como construção social e histórica. Geralmente, quando se conceitua o termo em leis, manuais e guias práticos, propõem-se quase inevitavelmente um recorte etário, desconsiderando as experiências compartilhadas no âmbito social, temporal e cultural, reduzindo este período à transição da infância para a vida adulta. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece a adolescência entre 12 e 18 anos incompletos. Já a Organização Mundial de Saúde (OMS) constitui a adolescência como um processo biológico, durante o qual

[3] Nesse contexto, vale fazer uma referência concreta à disputa sobre a Reforma do Ensino Médio, instituída pela Lei nº 13.415/2017 e parcialmente revogada em 2024, após resistência de professores e pesquisadores, o que pode ser tema para outros estudos.

se aceleraria o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade – processo que perdura dos 10 aos 19 anos de idade, dividido em pré-adolescência e adolescência. Como se vê, há uma clara influência dessa percepção naturalista da juventude, muito embora ela seja culturalmente determinada, mesmo que sobre uma base material-biológica.

Diferentemente das concepções naturalistas, como afirma Peralva (1997), juventude não é um fenômeno natural, mas deve ser pensado de modo a considerar os jovens como sujeitos de ação política, inclusive podendo ser atrelado às políticas públicas relativas a cada tempo histórico. Dada essa compreensão social e histórica da juventude, o tempo de tal período na modernidade tem se consolidado, de acordo com Rocha (2006), dos 15 aos 24 anos de idade. É essa a concepção adotada na presente pesquisa.

Nesse contexto, neste trabalho foi realizado um estudo exploratório sobre a opinião política de estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do Instituto Federal de Brasília, Campus São Sebastião. A análise visa a contribuir com a compreensão sobre o processo de construção da identidade política a partir da experiência escolar, mensurando e examinando mudanças de percepção de estudantes de 4 turmas ao longo dos três anos do seu ensino médio (entre o período de 2018 e 2022), os sentidos atribuídos ao termo política e os aspectos curriculares e extracurriculares. A pesquisa buscou compreender as vivências do alunado diante de questões sociais contemporâneas — como desigualdade social, discriminação racial, gênero e orientação sexual, direitos humanos e sustentabilidade ambiental — adotando uma abordagem centrada no estudante para observar suas convicções e processos de reflexão. Também foram considerados fatores externos, como interações comunitárias, experiências familiares e meios de comunicação, integrados de modo a favorecer uma análise coerente e o diálogo crítico. Após essa introdução, o texto apresenta a metodologia, discute os resultados e, por fim, traz as considerações finais.

Concepções de esquerda e direita

Antes de apresentar a metodologia da pesquisa propriamente, faz-se necessária uma breve discussão sobre a concepção de política que embasou o formulário de opinião elaborado pelos autores e aplicado aos estudantes, já que a proposta é observar os campos políticos em que as turmas se situavam.

A distinção entre campos políticos mais consolidada na modernidade se dá entre esquerda e direita. Há diferentes percepções possíveis sobre a compreensão dos conceitos de “direita” e “esquerda”, por isso, para demonstrar como foram interpretadas as questões do formulário de pesquisa, resgatamos brevemente a origem dos termos e as suas bases fundamentais.

Após a Revolução Francesa (1789), os parlamentos em toda a França passaram a se organizar com a aristocracia à direita e os comuns à esquerda do orador. Os aristocratas, conservadores, defendiam seus privilégios e da igreja, enquanto os representantes à esquerda defendiam os interesses da burguesia, incluindo o republicanismo, secularismo e livre mercado. Trabalhadores e camponeses não tinham representação significativa, sendo que a noção de democracia não se apresentava para as classes populares. Ao longo do tempo, os termos, que representavam literalmente a posição dos grupos no parlamento,

passaram a representar posições políticas, com a direita associada às ideias conservadoras, e a esquerda associada às ideias progressistas e revolucionárias[4].

Com o tempo, o campo da direita, historicamente associado a uma valorização da tradição, da ordem social e de valores conservadores, ou seja, ao *status quo*, passou gradualmente a incorporar valores como a liberdade individual, a iniciativa privada e a ideia de uma intervenção mínima do Estado na economia. Isso ocorre na medida em que a burguesia assume uma posição de maior poder, ocupando o lugar da aristocracia tradicional (ou seja, produzindo um novo *status quo*). Por outro lado, a esquerda assume valores coletivistas, ligados à justiça social, historicamente buscando reformas políticas e econômicas para reduzir as disparidades sociais, apoiando uma maior intervenção estatal na economia[5], seja com experiências mais ao centro, buscando conciliar mercado e justiça social, como a social-democracia, seja mais ao extremo como com o comunismo real, com estado totalitário.

Apesar das nuances e mudanças em cada campo vinculadas a cada contexto histórico, essa distinção fundamental permite uma base de critérios para identificar no Brasil atual os dois campos políticos com relativa precisão. Seria possível tornar a análise mais complexa, segregando dimensões econômicas, culturais e políticas e mapeando diversos espectros políticos. Contudo, para fins deste trabalho exploratório, optou-se por utilizar a dicotomia tradicional esquerda e direita, que continua sendo uma ferramenta válida para analisar a política brasileira, ainda que apresente especificidades em relação às democracias europeias, como afirmam Tarouco e Madeira (2013).

Ao analisar a posição dos diferentes partidos políticos em votações no Congresso Nacional, nos projetos apresentados e pautas dos discursos, Tarouco e Madeira (2013) propõem a construção de uma escala ideológica para classificar os partidos brasileiros, indicando como essa distinção pode ser observada e mensurada. É essa perspectiva que fundamentou a construção do formulário aplicado neste estudo.

Materiais e métodos

A análise foi desenvolvida em duas etapas, como descrito a seguir:

Etapa I: análise quantitativa de opinião por meio de escala de mensuração de 2018 a 2023

Na primeira etapa, foi aplicado o formulário de opinião política, elaborado pelos autores, a quatro turmas do Ensino Médio Integrado no período entre 2018 e 2023, sendo duas do curso de Administração, uma do curso de Secretariado e uma do curso de Desenvolvimento de Sistemas Educacionais. A cada ano, há oferta de duas turmas do ensino médio no Campus, com cerca de 30 alunos cada. As turmas foram nomeadas da seguinte forma:

- Turma A: aplicação em 2018 e 2020;
- Turma B: aplicação em 2018 e 2020;
- Turma C: aplicação em 2021 e 2023;
- Turma D: aplicação em 2021 e 2023;

[4] Para se aprofundar no tema dos diferentes significados políticos dos termos esquerda e direita, vale ver o conhecido livro de Norberto Bobbio “Direita e Esquerda. Razões e Significados de uma Distinção Política.”

[5] Vale destacar que isso não impede de haver ideologias de esquerda que defendem uma sociedade sem estado, como o anarquismo, baseada na descentralização de poder.

O formulário fazia parte de uma atividade pedagógica sobre formulação de pesquisas sociais, contendo 18 questões relacionadas a temas políticos, sociais e econômicos atuais (Anexo I) sobre os quais o respondente precisaria se posicionar seguindo uma escala de concordância de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). O estudante não era identificado, apenas a turma a qual pertencia.

As 18 questões foram formuladas a partir do conceito de esquerda e direita anteriormente descrito, tendo em vista o contexto político recente. Como as questões variam de 1 a 5, de acordo com o nível de concordância, podemos dizer que uma resposta 3 representa uma posição central e que uma resposta 1 ou 2 representa uma posição politicamente oposta a uma resposta 4 ou 5. Há questões em que um posicionamento mais à esquerda pode ser identificado como resultado acima de 3 (como o "Brasil é um país machista") e questões em que o inverso pode ocorrer ("Bandido bom é bandido morto"), em que uma resposta acima de 3 é identificada como um posicionamento mais à direita. As médias de cada questão, olhadas em conjunto, mostram se há uma tendência predominante da turma. Importante reforçar que se trata da identificação de tendências gerais, não de um diagnóstico definitivo.

Dessa forma, por meio de estatísticas descritivas, foi possível mensurar e quantificar as tendências políticas, as diferenças de tendências e as mudanças de cada turma e entre turmas ao longo do tempo, por meio da contagem direta do número de questões em que as médias apontam para posicionamentos mais à direita ou mais à esquerda. Adicionalmente, foi feita a estratificação de grupos, de modo a observar categorias de gênero e tempo de permanência no IFB (início e final do curso) para verificar sinais de diferenças entre turmas e dentro de cada turma.

Etapa II: análise qualitativa do processo de construção da identidade política dos estudantes por meio de grupos focais

Na segunda etapa, de caráter mais qualitativo, analisamos o processo de construção da opinião política dos estudantes ao longo do ensino médio em si. Para isso, foram organizados dois grupos focais formados por estudantes do 3º ano do ensino médio integrado (EMI), que passaram pelo processo de integração e socialização no IFB. A discussão se deu em duas partes. Primeiramente, tratamos dos temas cujas respostas apresentaram maior divergência na primeira etapa do trabalho, de modo que eles pudessem, simultaneamente, refletir e contestar os resultados obtidos na pesquisa com a sua turma. Em seguida, os estudantes foram estimulados a expor seus pensamentos sobre o que é política, qual a definição política de esquerda e de direita e como cada um se posiciona. Buscou-se também entender a percepção dos estudantes sobre possíveis mudanças de visão em relação ao 1º ano, quando ingressaram no IF, e quais suas influências na construção da sua ideologia política. Foram utilizados nomes fictícios na descrição das falas[6].

Resultados e discussões

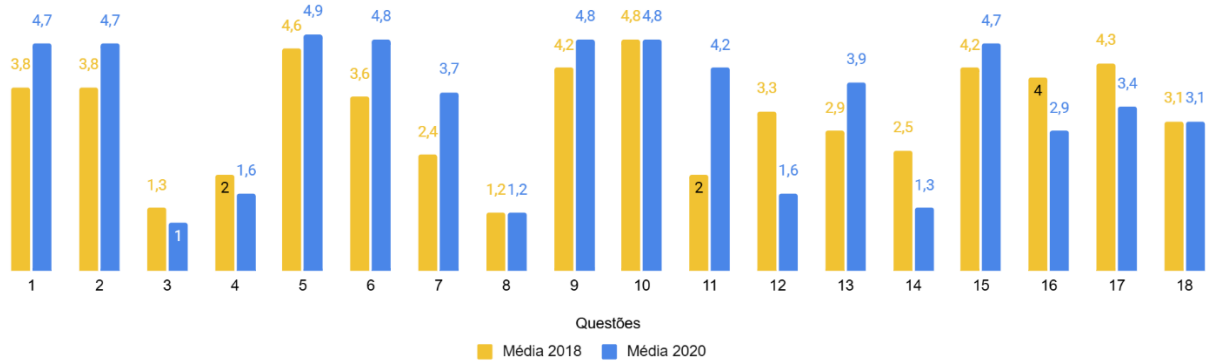
Etapa 1: análise dos resultados da aplicação do formulário

Os resultados da primeira etapa serão discutidos considerando a análise das respostas das 18 questões do formulário aplicado nas turmas no início e no final do curso. O Gráfico 1 indica o posicionamento dos estudantes de uma mesma turma (Turma B) para cada questão, no início (2018, em amarelo) e no final do curso (2020, em azul). No início do curso, a turma apresentou um posicionamento mais à direita

[6] Os autores informam que foi feita revisão pontual de texto após a finalização do manuscrito e ajustes nas referências bibliográficas com uso de Inteligência Artificial, contudo, não foi utilizada IA para confecção de texto nem para qualquer procedimento metodológico envolvendo tratamento de dados.

em 6 questões e mais à esquerda em 12 das 18 questões propostas. Já em 2020, ao final do terceiro ano, tendo-se reaplicado o mesmo questionário, somente em uma das questões manteve-se um posicionamento mais à direita da turma. Em 15 questões o posicionamento da turma se deslocou mais para a esquerda no período, e em 3 o resultado foi o mesmo, não havendo deslocamento para a direita. Para exemplificar, na segunda questão, quando perguntados se concordam com a afirmação "O Brasil é um país machista", em 2018, a média da Turma B foi de 3,8 numa escala de 1 a 5. Dois anos depois, essa média passou para 4,7, evidenciando a mudança de uma posição mais central (próximo a 3) para uma posição quase unânime no espectro político mais à esquerda.

Gráfico 1 - Turma B, Média das questões (2018 e 2020)

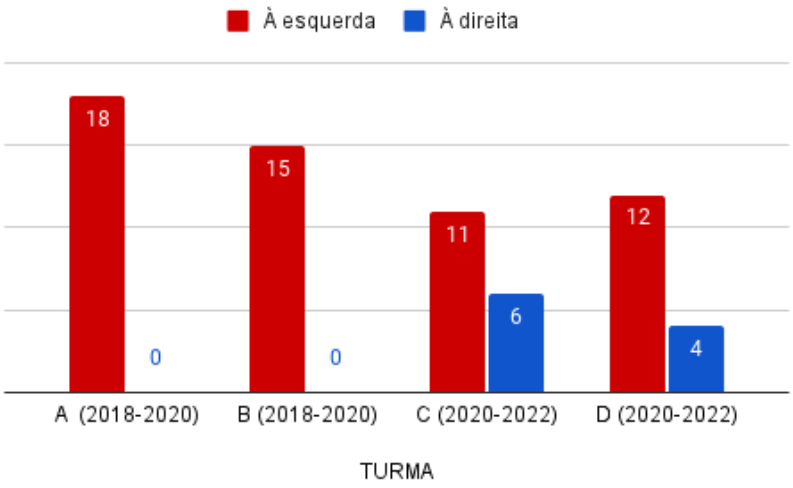


Fonte: elaboração própria

Os resultados são semelhantes para todas as 4 turmas e indicam que a tendência, que já era levemente à esquerda (tanto no período inicial quanto no período final), pode ter se intensificado, com uma mudança na opinião política dos estudantes nos períodos analisados em diversas questões ao longo do curso. Apesar disso, vale salientar que os estudantes se posicionam mais à esquerda do que se reconhecem, já que muitos acreditam ter uma visão de direita (principalmente estudantes homens).

O Gráfico 2, que indica essa tendência de mudança de posição política no tempo para todas as turmas analisadas em direção à esquerda. Na turma A (2018 - 2020), por exemplo, houve uma mudança para a esquerda em todas as 18 questões aplicadas.

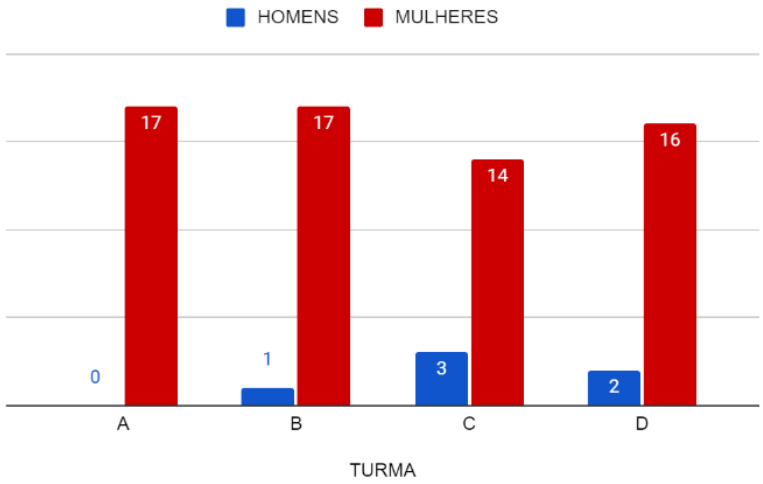
Gráfico 2 - Número de questões em que houve mudança à esquerda ou à direita ao longo do tempo (do 1º ao 3º ano – Turmas A, B, C e D)



Fonte: elaboração própria

Fazendo o recorte de gênero (gráfico 3), é possível observar que o posicionamento das estudantes mulheres diverge de forma sistemática do posicionamento dos estudantes homens. Ainda que os dois grupos estejam posicionados, majoritariamente, à esquerda, a tendência política das mulheres esteve mais à esquerda na maioria das questões em todas as turmas analisadas. Na turma B, por exemplo, as mulheres tiveram um posicionamento mais à esquerda em 17 questões e mais à direita em apenas 1 questão em relação aos homens. Isso é mais evidente nas questões que dizem respeito a temas mais relevantes para a realidade feminina (como feminismo, machismo, aborto), mas não se restringe a esses temas.

Gráfico 3 - Número de questões em que cada grupo se posiciona mais à esquerda



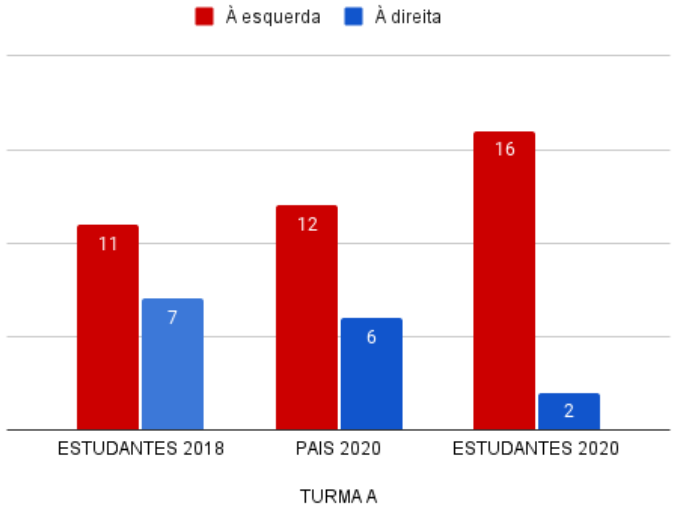
Fonte: elaboração própria

Por fim, no Gráfico 4, foi feito um recorte intergeracional comparando a opinião dos estudantes de uma das turmas com a de seus responsáveis[7]. Verificamos que em 2018, os estudantes da turma A tinham um posicionamento mais à esquerda em 11 questões, enquanto seus responsáveis em 12 questões. Já em 2020, esse número

[7] Nessa turma, foi proposto um exercício prático de pesquisa, em que os estudantes aplicaram o formulário com suas famílias, sistematizaram e discutiram os resultados em sala.

passa para 16 para os estudantes, indicando uma mudança relevante de sua percepção política (mais à esquerda), em relação à da sua família.

Gráfico 4 - Número de questões em que cada grupo se posiciona mais à esquerda e à direita



Fonte: elaboração própria

Os dados até aqui apresentados, como mencionado anteriormente, apontam tendências, que não podem ser imediatamente generalizadas. Para se formar um quadro mais amplo, podem ser necessárias análises estatísticas mais robustas, com amostras maiores e com uma maior variedade de perfis de escolas e regiões, por exemplo. Vale considerar também que fatores como evasão ou ingresso de novos jovens ao longo do tempo podem afetar o perfil de uma turma e que pode haver vieses causados por mudanças de capacidade de interpretação das questões, entre outros.

Na etapa seguinte, apresentamos a discussão qualitativa realizada com os estudantes, o que pode lançar mais luz à interpretação dos resultados.

Etapa 2: análise da discussão nos grupos focais

Podemos fazer a análise da segunda etapa a partir das cinco questões apresentadas aos estudantes nos dois grupos focais, conforme a seguir:

1) Você acha que o seu posicionamento político mudou em relação ao 1º ano quando entrou no IF? De que forma?

Na discussão, percebemos que a postura de estudantes homens e mulheres era distinta em diversos aspectos. Em geral, as estudantes mulheres apresentavam maior segurança para se expressar e pareciam reconhecer melhor seus posicionamentos políticos, assim como reconheciam melhor a mudança de sua percepção ao longo do tempo. Algumas delas afirmaram que o seu posicionamento, que já era de esquerda, se manteve, voltando-se ainda mais para a esquerda com o passar do tempo. Por outro lado, alguns estudantes homens afirmaram que antes não tinham ou não sabiam ao certo seu posicionamento, e atualmente acreditam estar mais alinhados à direita, embora se posicionem mais à esquerda do que eles reconhecem, como podemos observar nos trechos abaixo:

> Eu entrei aqui com uma visão radical das coisas, sem me prender a um lado específico. Com o tempo, eu percebi que algumas coisas da esquerda eu concordo, mas nem todas (Mulher, Ana).

> Eu já me via como alguém de esquerda, e a participação nos eventos daqui me fez perceber a importância de questões sociais que antes eu não entendia direito (Mulher, Fernanda).
>
> Antes pensava só de uma forma, mas agora vejo que tem mais lados para as questões políticas (Homem, Marcos).
>
> Não sei responder se houve mudança (Homem, André).

É interessante observar a explicação de uma estudante ao ser levantada a diferença de posicionamento entre as turmas, visto que as turmas mais recentes (que responderam ao formulário no período de 2021-23) parecem apresentar posicionamentos relativamente mais à direita em várias questões. Segundo a estudante, "Ao ingressar no IF, muitas coisas que foram idealizadas não se cumpriram, de modo a gerar um descontentamento por parte dos estudantes - falta de acolhimento." Foi lembrado que essas turmas entraram no IFB poucos meses antes da pandemia de COVID-19 e de fato tiveram maiores dificuldades para integração na instituição. Isso parece indicar que o IFB pode ser visto pelos estudantes como um ambiente predominantemente de esquerda e que, de certa forma, um sentimento negativo, de decepção ou de expectativas não cumpridas, poderia levá-los a negarem ideologias desse campo.

2) Como você se descreveria politicamente?

Em sua maioria, as estudantes mulheres se descreveram como sendo de esquerda, enquanto os estudantes homens como sendo de direita. Parte dos entrevistados afirmou não se identificar com nenhum dos lados e reproduzem críticas comuns sobre os dois polos políticos. De acordo com uma pesquisa da Genial/Quaest, encomendada pela revista Veja (Barros, 2024), essa é uma tendência, inclusive brasileira, da geração Z (nascidos entre 1995 e 2010). Os dados complementam o que mostra uma outra pesquisa publicada no jornal britânico Financial Times. Enquanto as mulheres jovens se identificam mais com causas progressistas, devido, entre outras coisas, ao impacto do feminismo na ascensão dos direitos das mulheres, os meninos da mesma geração tendem à direita, inclinados à manutenção do *status quo*, dada uma certa percepção de perda de liberdades, o que na interpretação de Evans (2024) favorece a adesão a partidos conservadores.

> Eu sou de esquerda, acho a direita muito conservadora e fechada. Não dá pra ficar defendendo ideias antigas (Mulher, Maria).
>
> Não me identifico com nenhum partido, então acho que sou de centro (Homem, João).
>
> Às vezes concordo com ideias de um lado, outras vezes com outro. Acho que é importante entender as diferentes opiniões e pensar no que faz mais sentido (Homem, Marcos).

3) O que você entende por política?

Ao serem perguntados sobre o conceito de política, os entrevistados associaram a palavra a termos como poder, desigualdade, democracia, participação, corrupção, manipulação e impunidade. Muitos associam fortemente a política às questões partidárias, não se identificando com nenhum partido. Isso é evidenciado pela imprecisão de distinção entre esquerda e direita, assim como, entre progressistas e conservadores. Para muitos estudantes, "são todos iguais" e quase e não depositam

esperança em nenhum partido. Foi possível perceber que eles veem a política como algo distante, não se reconhecendo como seres políticos ou capazes de fazer política.

> Eu vejo muita coisa errada acontecendo, mas também entendo que a política pode ser a chave para fazer as coisas melhorarem. É uma mistura de frustração com esperança, porque a gente quer ver representatividade de verdade, não só promessas vazias; ver o poder sendo usado para fazer o bem, não só para ganhar vantagem (Homem, Daniel).

> Eu acho que política é sobre quem tem mais poder e quem consegue o que quer, não vejo muita diferença entre esquerda e direita (Mulher, Vitória).

> O que eu sei é que política é importante, mas é difícil de entender (Homem, Antônio).

4) O que você tem/teve como base para formar a sua ideologia política? Você tem algum grupo ou pessoas de referência que você ache que represente seu alinhamento político? (Pessoas famosas, familiares, influenciadores digitais etc.)

Foi unânime a resposta dos estudantes, que apontaram a família e as redes sociais como fortes influências na formação ideológica de cada um. É possível entender que valores e crenças são transmitidos entre famílias ao passo que moldam as perspectivas políticas de um indivíduo desde cedo. Paralelamente, os avanços tecnológicos vêm permitindo que as informações, opiniões e debates influenciem as visões políticas desses indivíduos, que estão construindo as suas identidades. Em uma publicação no jornal da USP (Universidade de São Paulo), Aflalo (2022) destaca as mídias sociais como o meio de participação dos jovens na política.

> A minha família sempre foi de direita, então eu também falava que era de direita, mas eu meio que não entendia nada de política. Aí fui percebendo que as minhas ideias eram mais parecidas com a esquerda (Mulher, Maria).

É interessante observar as divergências nas falas dos estudantes quando mencionam as figuras públicas que acompanham pelas redes sociais. Enquanto as meninas citam algumas influenciadoras que abordam o feminismo em suas pautas, os meninos mencionam figuras que tratam de questões econômicas.

> Um dos influenciadores que sigo é o Caio Coppolla, ele critica bastante a esquerda. Também acompanho o Kim Kataguiri pelo YouTube (Homem, Pedro).

> Eu sigo perfis de mulheres que me ajudam a entender questões de feminismo. Por exemplo, tem a Jout Jout, a Alexandra e a Carolline Sardá (Mulher, Clara).

5) Na sua opinião, o que faz um posicionamento ser de esquerda ou de direita?

Segundo os estudantes, geralmente, quem é de esquerda “defende mais questões sociais das minorias”. Já quem é de direita normalmente “defende mais a liberdade individual e acha que as pessoas podem resolver seus próprios problemas sem depender tanto do governo.”

> Ser de esquerda tem a ver com defender os direitos das minorias. Parece um sistema mais justo no qual o governo ajuda a reduzir as desigualdades do país (Homem, Eduardo).

Revista sítio novo
Instituto Federal do Tocantins

> Eu acho que a direita defende sobre a liberdade individual e menos regulamentação do governo. A ideia é que as pessoas devem ter mais liberdade, sem tantas regras e impostos (Homem, Pedro).

Vale salientar que os resultados, embora partam de um contexto específico do IFB São Sebastião, refletem certas tendências gerais observadas na conjuntura recente da juventude no mundo. Segundo John Burn-Murdoch (2024), as mulheres jovens estão cada vez mais propensas a se identificarem como "progressistas" do que os homens da mesma faixa etária. Uma das hipóteses levantadas por Alice Evans (2024) para explicar essa diferença ideológica da geração Z é de que a produção cultural tem se voltado cada vez mais a concepção feminista, contrariando a apologia ao sexismo que ganha popularidade entre os homens por personalidades machistas. Outro fator que explicaria essa polarização de ideologias seria a existência de um ressentimento econômico entre uma parcela de homens que acham que as instituições são injustas quanto ao ganho das mulheres - ou seja, parte dos homens tem percebido as mudanças recentes no mercado de trabalho e na sociedade em geral como uma ameaça ao seu status. De acordo com a autora, essa frustração se intensifica com o apoio da extrema direita.

Considerações finais

Este estudo buscou trazer elementos para contribuir com a compreensão sobre o processo de formação da identidade dos jovens na contemporaneidade, a partir da análise da sua opinião política. Ao buscar compreender os sentidos adquiridos pelo sujeito, e considerando a presença das instituições como elementos perpassados por relações de gênero e poder, foram observadas duas possíveis tendências gerais.

Primeiramente, parece haver uma tendência de mudança política dos estudantes do IFB Campus São Sebastião para a esquerda ao longo do tempo. Segundo, observa-se que essa tendência possivelmente se difere de acordo com o gênero, de modo que o posicionamento político dos estudantes homens tende mais à direita em comparação às estudantes mulheres, que tendem mais à esquerda no espectro político. Em alguma medida, a análise qualitativa confirma e esclarece essa mudança na percepção política dos estudantes observada nos períodos analisados na etapa quantitativa.

Como discutido inicialmente, a juventude é uma fase marcada por processos de formação identitária e atravessada por disputas simbólicas. Nessa perspectiva, muitos estudantes podem adotar uma identidade “de direita” menos por coerência programática e mais porque essa identidade circula socialmente como um marcador de comportamento, masculinidade, autonomia ou oposição ao mundo adulto e escolar. Assim, o rótulo político pode funcionar também como linguagem de pertencimento e performance social, esse questionamento às instituições é chamado por Bourdieu (1983) de “revolta confusa”.

Tais resultados se somam às evidências de diferentes estudos recentes no campo de pesquisa das representações e concepções políticas da juventude, como Evans (2024) e Murdoch (2024). De modo complementar, sugere-se futuramente a realização de pesquisas de opinião mais amplas e com maior suporte estatístico, assim como aprofundar a discussão do papel dos aspectos curriculares e extracurriculares na formação da identidade e na percepção política dos estudantes no contexto do Ensino Médio. Levando em consideração as experiências dos jovens, podemos ter subsídios importantes para o aprimoramento de abordagens educacionais que os considerem como sujeitos de ação política, capazes de construir posicionamentos próprios e participar ativamente da vida democrática.

Revista sítio novo
Instituto Federal do Tocantins

Referências

AFLALO, Hannah. Redes sociais ajudam os jovens a se interessarem mais pela participação na política. **Jornal da USP no Ar – 1ª edição**, 2022. Disponível em: https://jornal.usp.br/atualidades/redes-sociais-ajudam-os-jovens-a-se-interessarem-mais-pela-participacao-na-politica/. Acesso em: 10 jan. 2025.

BARROS, M. D. Mulheres da geração Z lideram adesão a ideias progressistas no Brasil. **Revista Veja**, São Paulo, ed. 2884, 15 mar. 2024. Disponível em: https://veja.abril.com.br/comportamento/mulheres-da-geracao-z-lideram-adesao-a-ideias-progressistas-no-brasil/mobile. Acesso em: 10 jan. 2025.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política.** São Paulo: Editora UNESP, 1995.

BOURDIEU, Pierre. 1983. A "juventude" é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio.** Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 17 maio 2023.

BRZEZINSKI, Iria (org.). **Profissão professor: identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano Editora, 2002.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 58-75.

CIAMPA, Antônio da Costa. Políticas de identidade e identidades políticas. In: DUNKER, Christian I. L.; PASSOS, Maria C. (org.). **Uma psicologia que se interroga: ensaios.** São Paulo: Edicon, 2002. p. 133-144.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

EVANS, Alice. **What prevents and what drives gendered ideological polarisation?** The Great Gender Divergence, 2024. Disponível em: https://www.ggd.world/p/what-prevents-and-what-drives-gendered. Acesso em: 10 jan. 2025.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FURLANI, Sinara; CARDOSO, Grace Tibério. Configuração do ambiente físico escolar e prática pedagógica: percepção de professores de uma escola padrão. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 7, p. 8–20, 2022. DOI: 10.47236/2594-7036.2022.v7.i0.8-20p. Disponível em: https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/1180. Acesso em: 5 maio 2026.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MURDOCH, John Burn. A new global gender divide is emerging: young men and young women's world views are pulling apart. **Financial Times**, 2024. Disponível em: https://www.ft.com/content/29fd9b5c-2f35-41bf-9d4c-994db4e12998. Acesso em: 10 jan. 2025.

SILVA, C. R.; LOPES, R. E. Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 17, n. 2, 2010. Disponível em: https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/100. Acesso em: 10 jan. 2025.

SOUZA, Beatris Mariano de; REIS, Marcio José dos. Retratos de si: atividades artísticas visuais como promoção de identidade e pertencimento na educação tecnológica. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 9, p. e1847, 2025. DOI: 10.47236/2594-7036.2025.v9.1847. Disponível em: https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/1847. Acesso em: 10 abr. 2026.

TAROUCO, Gabriela da Silva; MADEIRA, Rafael Machado. Partidos, programas e o debate sobre esquerda e direita no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 28, n. 81, 2013. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-44782013000100011.

Informações complementares

Descrição	Declaração
Financiamento	Pesquisa apoiada por meio do Edital nº 07/2023 PIBIC CNPq/IFB. Processo SUAP 23098.001284.2023-10
Aprovação ética	Não se aplica.
Conflito de interesses	Não há.
Disponibilidade dos dados de pesquisa subjacentes	O trabalho não é um *preprint* e os dados subjacentes da pesquisa estão disponíveis sob demanda dos pareceristas.
Uso de Inteligência Artificial	Foi utilizada IA para revisão pontual de texto após a finalização do manuscrito e para ajustes nas referências bibliográficas. Não foi utilizada para confecção de texto nem para qualquer procedimento metodológico.

CrediT	Jonas de Oliveira Bertucci	Funções: conceitualização, curadoria de dados, análise formal, aquisição de financiamento, investigação, metodologia, supervisão, escrita – revisão e edição.
	Maryana Rodrigues da Conceição	Funções: curadoria de dados, análise formal, investigação, visualização, escrita – rascunho original.

Avaliadores: Dr. José Fernando Andrade Costa* (Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, Bahia, Brasil). O avaliador "B" optou pela avaliação fechada e pelo anonimato.
Revisor do texto em português: Nathan Rodrigues Vieira**.
Revisor do texto em inglês: Klaus Hedegaard**.
Revisora do texto em espanhol: Letícia Erica Gonçalves Ribeiro**.

Como citar (ABNT):
BERTUCCI, Jonas de Oliveira; CONCEIÇÃO, Maryana Rodrigues da. A formação da opinião política no ensino médio do Instituto Federal de Brasília. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 10, p. e2056, 2026. DOI: 10.47236/2594-7036.2026.v10.2056. Disponível em: https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/2056.

* Optou pela avaliação fechada e autorizou somente a divulgação da identidade como avaliador no trabalho publicado.
** Conforme informado pelos autores e comprovado por documento anexado ao sistema da Revista.

Revista sítio novo
Instituto Federal do Tocantins

Anexo I – Questões do formulário de pesquisa

PESQUISA DE OPINIÃO

Observações

- Isto não é uma prova, é uma pesquisa de opinião. Não há questões certas e erradas.
- Marque uma opção de 1 a 5 de acordo com a sua opinião sobre cada tema, sendo que 1 indica “discordo totalmente” e 5 “concordo totalmente”, de acordo com a escala abaixo.

	1	2	3	4	5	
Discordo totalmente	○	○	○	○	○	Concordo totalmente

- Faça individualmente. Apenas pesquise ou discuta com os colegas se não entender o significado de alguma questão.
- O formulário não é identificado e as respostas de cada aluno não serão divulgadas, apenas uma média da turma.

1. O feminismo é um movimento muito importante para as mulheres.*
2. O Brasil é um país machista.*
3. Mulheres que usam roupas que mostram demais o corpo não podem reclamar caso sejam assediadas ou atacadas.
4. Todo cidadão deve ter direito ao porte de arma para garantir sua segurança e a de sua família, caso queira.
5. O racismo contra a população negra ainda é um grave problema no Brasil.*
6. Deve haver cotas para negros em universidades.*
7. Não existe racismo contra brancos.*
8. A pandemia afetou todas as pessoas da mesma maneira, pois o vírus não faz distinção de raça, nem de classe social, ou seja, estamos todos no mesmo barco.
9. Lésbicas, gays, bissexuais e transexuais devem ter seus direitos civis garantidos (casamento civil, herança, p. de saúde, etc.).*
10. Casais LGBTs devem ter direito à adoção.*
11. As mulheres deveriam ter o direito de interromper a gravidez.*
12. Bandido bom é bandido morto.
13. Prisões deveriam ser seguras, limpas e arejadas, servindo como espaço de ressocialização e educação do indivíduo.*
14. Mulheres que abortam devem ser presas.
15. Há muita violência e injustiça cometida por policiais no Brasil.*
16. Há muita violência e injustiça cometida contra policiais no Brasil.
17. Adolescentes que cometem crimes devem ser punidos como adultos.
18. Os médicos e o ministério da saúde podem e devem receitar medicamentos sem comprovação científica de eficácia, como foi o caso da cloroquina, pois embora não houvesse comprovação de que era eficaz contra o coronavírus, também não havia comprovação científica que não era eficaz.*

* Para a análise dos resultados e classificação das respostas nos campos políticos, considerou-se nas questões com um asterisco que a maior concordância indica um posicionamento mais à esquerda. E no caso das questões sem asterisco, a maior concordância indica um posicionamento mais à direita.